**DOS DIÁRIOS DE VIAGEM À INTERNET: A CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA DO SERTÃO, NORDESTE E DOS SUJEITOS NORDESTINOS**

Aerlon Ítalo Pereira da Paixão [[1]](#footnote-1)

Jady Barbosa dos Santos [[2]](#footnote-2)

Francisco Sanderson Pereira Santos[[3]](#footnote-3)

Fernando Mattiolli Vieira[[4]](#footnote-4)

Programa Residência Pedagógica, curso de História[[5]](#footnote-5)

Universidade de Pernambuco, *Campus* Petrolina

**Resumo**

O presente artigo propõe o debate e a problematização a respeito da ideia de sertão e do nordeste perpetuadas através do tempo. Para tanto, utilizamos a internet a fim de observar a iconografia que é veiculada nas buscas por *sertão* e *nordeste* e pudemos verificar que há um padrão quanto a isso: as imagens exibidas nos servidores de internet apresentam um sertão miserável, faminto e abandonado, o que coincide com as representações acerca do nordeste formuladas pelos intelectuais brasileiros do século XIX. A partir disso, vinculados ao Programa Residência Pedagógica desencadeamos discussões com estudantes do ensino médio com o objetivo de despertar o senso crítico desses enquanto sujeitos nordestinos. Também consideramos importante ressaltar que a ideia que temos hoje sobre os dois conceitos mencionados fazem parte de longos anos de construção de discursos históricos depreciativos que relegaram o lugar de marginal tanto à região, como aos seus habitantes. Dessa forma, procuramos discutir a importância de um ensino de História contextualizado, que forme indivíduos críticos e conscientes. Além disso, como se trata de um trabalho sobre a educação na rede básica, nossa ação e observação esteve pautada nos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

**Palavras-chave:** Sertão, Nordeste, Ensino de História.

**INTRODUÇÃO**

Durante muito tempo o ensino de História na educação básica no Brasil seguiu modelos eurocêntricos dos conteúdos e dos fatos históricos. Via de regra, fomos acostumados com a transmissão de datas e grandes nomes, que nos eram exigidas a decoração sem nenhuma criticidade. Visto a partir dessa perspectiva é possível perceber que há uma concepção de distância do presente, e principalmente da realidade dos estudantes, o que reverbera na educação brasileira atualmente.

Observada dessa forma, um dos objetivos principais do ensino de História – formação de sujeitos conscientes e críticos de seu papel social – é suplantado pela ideia de irrealidade, ou seja, o estudante não desenvolve um sentimento de pertencimento. Dessa forma, até mesmo para professoras e professores, não faz sentido refletir sobre esses conteúdos, datas e personagens, os quais não são observados em suas vivências. Segundo o professor Leandro Karnal:

No fundo, repetimos a angústia expressa no *Hamlet* de Shakespeare: “quem é Hécuba para eles, que são eles para Hécuba?”. Essa frase Shakespeariana poderia ser entendida de outra forma: qual a validade de uma cultura formal para eles? Em nosso contexto, esta frase equivale a indagar: qual a validade da História e do que eu faço para meu aluno e para mim? Como eu posso despertar no jovem tanto o interesse pela cultura mais formal como a capacidade e os instrumentos para analisar o mundo que o cerca?[[6]](#footnote-6)

Karnal chama a atenção para dois aspectos principais que devem ser observados no ensino de História. Primeiro: como prender a atenção dos estudantes em conteúdos que, via de regra, da maneira como são pensados, não se relacionam com as vivências desses estudantes? Segundo: conquistada a atenção dos discentes, como possibilitar que estes compreendam o mundo a sua volta e com quais instrumentos agir sobre ele?

As escolas são construções sociais, e como tais acompanham – mesmo que de maneira mais lenta – as mudanças desencadeadas no meio social. Assim, ao passo que o “fazer histórico” se transforma, a ação pedagógica também ganha nova roupagem[[7]](#footnote-7). Os conteúdos, as grades curriculares, são pensadas a partir das necessidades observadas pelos sujeitos que as constroem, portanto, mesmo que de maneira tímida, tendem a expressar os aspectos políticos, sociais, culturais de cada geração.

Nas últimas décadas, por exemplo, tem-se discutido arduamente a necessidade de um ensino de História contextualizado, que leve os estudantes a pensarem de maneira crítica e se percebam enquanto agentes do fazer histórico. Um meio para tal ação é pensar a História enquanto processo, observada não de maneira isolada, mas vinculada a fatos locais, regionais, nacionais. Para Karnal, pensada dessa maneira, a História seria responsável por aprimorar o exercício de problematização social[[8]](#footnote-8).

Observamos, para que haja uma reflexão acerca da História, as abordagens precisam partir do micro, considerando os conhecimentos prévios, as vivências, a realidade dos estudantes para, só então, seguir para a concepção macro da História. Pensando dessa forma, além de mais interessantes à professoras e professores, os discentes serão capazes de pensar esses conteúdos de maneira crítica e enquanto agentes do fazer histórico, uma vez que já possuiriam uma bagagem de conhecimentos e informações para tal realização.

Assim, tem-se discutido bastante a inserção do ensino da História Local, a fim de romper com a concepção de História Tradicional[[9]](#footnote-9), além de possibilitar novas abordagens de ensino de História. Porém, esse trabalho esbarra em uma problemática, já que a construção do conhecimento científico histórico, durante muito tempo, desconsiderou as minorias em prol das grandes nações, dos grandes heróis. Assim, a História Local é uma área que ainda se encontra em construção.

Além disso, comumente, as escolas costumam tratar a História Local – quando a tratam – como um evento à parte e não como componente dos currículos. Apesar de estar pautado nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), como pode ser observado no trecho abaixo:

O ensino de História proposto pelos para o 1° e 2° ciclos – ensino fundamental – está organizado a partir da ideia de que “conhecer histórias de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem, e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte” (BRASIL, 1996: 43-44). Para tanto, deve se realizar por meio da construção da história do lugar[[10]](#footnote-10)

Como analisado anteriormente, é de suma importância a formação crítica do sujeito e que este se perceba enquanto agente do fazer histórico e tenha consciência de seu papel social. Porém, como desenvolver esse sujeito crítico uma vez que este não reflete sobre a sociedade ou sobre os fatos históricos, porque não se enxerga nestes? Trazendo ao nosso contexto, poderíamos pensar, a partir dos conteúdos propostos pelas grades curriculares, seguir uma abordagem iniciando pela História Local, para só então partir para o nacional ou internacional.

Já percebemos a necessidade de inserção da História Local nos conteúdos da rede básica de educação, assim como a urgência em formar sujeitos críticos e conscientes de seu papel social. Pensando nisso, o programa Residência Pedagógica de História, da Universidade de Pernambuco *Campus* Petrolina suscitou a discussão e a problematização sobre a ideia de sertão e do nordeste que aparece na internet. Essa concepção é resultado de um discurso dominante produzido pelas elites brasileiras e que, mesmo a partir de vários movimentos de contestação que essa temática passou ao longo do tempo, não foi possível fazê-la ser esquecida do imaginário social o qual ainda é compartilhado no tempo presente.

Quando se fala em sertão é muito comum relacionar o termo às regiões do nordeste e a web corrobora, em grande medida, com a cristalização desse discurso. As imagens apresentadas em um dos maiores servidores de internet do mundo, o *Google*, ao se pesquisar por *Sertão*, elenca uma série de representações, majoritariamente de regiões do nordeste, castigadas pelas secas e os longos períodos de estiagem. Reprodução de terras áridas e rachadas pela falta de água, famílias extremamente pobres. Figuras essas, exibidas sobretudo nas zonas rurais.

Através da realização de oficinas de fontes históricas, realizadas no polo EREM Osa Santana de Carvalho, o qual fica localizada na zona oeste, no bairro Cohab Massangano, na cidade de Petrolina – PE, e possui um sistema vinculado ao ensino integral do Estado de Pernambuco, os residentes promoveram debates acerca de uma fotografia retirada da internet, que “retrata” o sertão nordestino.

Mas retrata de fato? O que uma imagem de uma localidade afetada, visualmente, pela seca e pela miséria explica esse espaço chamado de sertão nordestino como um todo? Ou apenas serve para outorgar uma visão que foi construída pelas elites brasileira ao longo do tempo? Perguntas às quais pretendemos analisar no presente artigo.

**METODOLOGIA**

A metodologia seguida na construção do presente trabalho esteve pautada nas seguintes etapas: 1) observação dos preceitos contidos na BNCC 2018; 2) análise e discussão com estudantes do ensino médio a respeito de uma imagem que, enquadrada nessa narrativa rural do sertão nordestino, busca representá-lo, retirada da internet; 3) leitura e fichamento da bibliografia temática, a fim de conferir embasamento teórico ao artigo; 4) organização do material coletado, sobre a análise dos estudantes; 5) escrita final do trabalho.

Ao propormos a análise da imagem a respeito das representações do nordeste que aparecem nas redes, foi exibido a iconografia aos estudantes e levantado o questionamento: “o que vocês conseguem observar nessa imagem?”. *A priori,* não fizemos nenhum tipo de explanação ou problematização a respeito dos conceitos de nordeste ou sertão. Estes discentes ficaram livres para desenvolverem suas observações a partir de suas vivências.

Ao término das análises empreendidas pelos estudantes fomos capazes de observar como a estigmatização da imagem do nordeste enquanto região miserável e decadente está cristalizada no senso comum. A imagem explorada pelos estudantes consistia no seguinte cenário: uma mulher à beira de um poço com um balde, rodeada por terras áridas, contando ainda com a figura de um animal, além de uma espécie de cactos próximo ao poço. Mesmo sem haver nenhuma identificação dessa paisagem como sendo de uma região do nordeste, ao menos a metade da turma classificou a imagem como referente a tal localidade.

Após o término dessas análises procuramos desmistificar a imagem do nordeste e do sertão perpetuado durante muito tempo e que ainda fazem parte do senso comum. Com isso, nosso objetivo, pautado nos preceitos da BNCC 2018, foi desenvolver as seguintes habilidades propostas pelo documento:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais[[11]](#footnote-11).

Além das habilidades voltadas às questões interdisciplinares e do uso de fontes diversificadas na aplicação do ensino de História:

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva[[12]](#footnote-12).

**DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Ao se deparar com esse tipo de imagem sobre a ideia de sertão e do nordeste, o observador forma uma concepção única sobre esses conceitos, essencialmente pejorativa e deprimente do local e de seus habitantes. Desse modo, para um nordestino, um sertanejo, via de regra, constrói-se uma ideia de não pertencimento, principalmente se esses sujeitos vivem em zonas urbanas. Para os observadores de outras regiões o imaginário que se cria é de uma localidade que não goza de meios básicos de sobrevivência, e de personagens sem aparatos intelectuais, que vivem unicamente do trabalho braçal e não conheceram a modernidade da industrialização.

Porém, analisando científica e academicamente, o sertão não se qualifica enquanto espaço geográfico específico. Como também não se caracteriza pela ação das sociedades na superfície da terra[[13]](#footnote-13). No entanto, para Antônio Carlos Moraes há a prevalência de elementos naturais associados à identificação do sertão: “o sertão como um lugar onde predomina o ritmo dado pela dinâmica da natureza, onde o elemento humano é submetido às forças do mundo natural”[[14]](#footnote-14)

Partindo desse pressuposto, Moraes ainda enfatiza o caráter de “vazios demográfico[[15]](#footnote-15)” que é atribuído ao sertão, ou seja, regiões onde a presença e a ação humanas são quase imperceptíveis e prevalecem mais a constância da natureza, inclusive sobre as figuras humanas.

Vale destacar aqui o pensamento de Moraes:

Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo. O objeto empírico desta qualificação varia espacialmente, assim como variam as áreas sobre as quais incide tal denominação. Em todos os casos, trata-se da construção de uma imagem; à qual se associam valores culturais geralmente – mas não necessariamente – negativos, os quais introduzem objetivos práticos de ocupação ou reocupação dos espaços enfocados.[[16]](#footnote-16)

Percebemos então que o conceito de sertão é construído e direcionado ao “outro”, a partir de uma classe intelectual dominante que caracteriza o sertão e o sertanejo no lugar do diferente, do exótico. O termo só é possível de ser aplicado, de existir em oposição ao “não sertão[[17]](#footnote-17)”, adquirindo dessa forma um caráter dualista, até mesmo maniqueísta das representações. É comum a divisão *sertão x litoral,* no qual o sertão ocupa o lado negativo, do não civilizado, do inculto.

Observado dessa maneira, é natural estabelecer uma relação de dependência entre sertão e colonização[[18]](#footnote-18). Logo, a ideia de sertão se vincula estreitamente aos processos de expansão empreendidos no Brasil Colônia, que procuravam desbravar as “terras desocupadas” que ficavam mais ao interior do território brasileiro. Assim, os colonizadores se colocam no lugar de civilizadores das populações interioranas, que viviam na “barbárie”, portanto, necessitadas de uma mão “salvadora”.

Desse modo, as representações iconográficas sobre a ideia de sertão e do nordeste que aparecem na internet ainda carregam essa bagagem cultural, embasada na depreciação da figura do sertanejo e do nordestino que se construiu ao longo da formação da sociedade brasileira.

Em relação às imagens que representam o nordeste na internet é muito comum a exibição de iconografias que retratam a seca da região, aparecendo dessa forma paisagens muito semelhantes às que se apresentam nas pesquisas sobre o sertão. Porém, além das paisagens que demostram um Nordeste de cenários e povos deprimentes, a web também pinta um Nordeste exótico, de belas e longas praias, via de regra, distante do contato com os grandes centros urbanos, algumas das vezes afastadas até do contato com humanos, como um paraíso natural a ser alcançado e desfrutado.

A construção e o fortalecimento desses discursos que mostram um Nordeste pobre e inculto são frutos de anos de manutenção das ordens vigentes, no qual os Estados do Sul e do Sudeste se fortalecem enquanto elites detentoras do poder político e intelectual, além de abrigarem os emigrantes estrangeiros, compostos por alemães, franceses, holandeses. Por carregarem essa descendência europeia, as populações sulistas se colocam num lugar de superioridade em relação ao nordeste.

Isso porque, a formação do povo nordestino tem suas bases primordialmente na ascendência africana e indígena[[19]](#footnote-19). Ora, de acordo com o pensamento e os valores perpetuados durante todo o século XIX, pautados na supremacia e no caráter civilizatório da Europa, os povos africanos não eram sequer possuidores de uma história própria. Partindo desse pressuposto os povos mestiços do nordeste formam uma “sub-raça”, inferior em tudo aos habitantes do litoral.

As produções científicas e literárias são construídas inseridas nos aspectos culturais, sociais e intelectuais das sociedades que as constroem. Assim como a internet continua apresentando iconografias sobre o sertão e sobre o nordeste impregnadas de juízos de valores e eurocentrismos, os discursos literários da década de trinta ganham corpo bebendo de fontes naturalistas, social darwinistas e evolucionistas[[20]](#footnote-20) engendradas na Europa que pregam a supremacia europeia.

Esse sertão, adoecido, abandonado pelos poderes públicos, miserável – em sua grande maioria populacional –, assolado pela fome, seca e pelas condições de vida decadentes, a partir do século XIX, começa a ser visto com outros olhos. Dá-se o pontapé inicial para atrelar os sertões[[21]](#footnote-21) às missões civilizatórias encabeçadas pelos intelectuais – médicos e sanitaristas – e as elites – como se fosse possível, em grande parte, dissociar essas duas figuras –, figuras estas que estavam dotados, segundo a autora Cláudia Pereira Vasconcelos[[22]](#footnote-22), de um sentido nacionalista/salvacionista, e que buscavam incorporar esse espaço à nação[[23]](#footnote-23).

No entanto, a partir dessa narrativa intelectual de construção de um ideal de nacionalidade desse sertão, se vê um reforço de teorias de cunho determinista sobre os seus habitantes. Como salienta Cláudia Vasconcelos, são, primordialmente, as noções de clima, raça e doença que vão explicar o motivo de que tal ambiente está atrasado em relação a essa construção de nacionalidade[[24]](#footnote-24). Reforços e estereótipos estes que ainda estão presentes nessa identificação com a região até o tempo presente.

Outro fator bastante interessante sobre esse sentido de construção de nação a partir desse ideal de sertão está presente no processo de eugenia social. A raça, como destacado anteriormente, era vista como um dos fatores preponderantes para se explicar o motivo do atraso que dada região estava envolta. Uma das possibilidades apontadas como solucionadoras para esse processo de nação é a implementação de uma política de branqueamento, não apenas na região do sertão nordestino, mas também em toda a sociedade brasileira em si. Do sertão aos cortiços e favelas. A ideia principal era que as características negativas do povo, os pretos, índios e mestiços – etnias consideradas subalternas – fossem sendo superadas com o tempo[[25]](#footnote-25).

É a partir dessa narrativa que o Movimento Regionalista do Norte/Nordeste ressurge. Liderado pela figura do intelectual Gilberto Freyre juntamente com alguns membros da elite letrada nordestina. Sim, reaparece. Uma vez que, como destaca Vasconcelos, já havia tentado se articular antes dos anos 1920, porém por suas características estarem próximas de uma lógica separatista, o Movimento não se disseminou e acabou se desarticulando[[26]](#footnote-26).

Este movimento foi um dos principais responsáveis por disseminar a ideia de nordestinidade, o qual aborda elementos relacionados com a cultura e dos habitantes sertanejos a essa reflexão sobre o espaço do sertão nordestino visualizado pelos intelectuais do Sul. Uma percepção altamente estereotipada e determinista. Tal movimento tenta combater as ideias pejorativas veiculadas sobre a região, ao enunciar, de forma contundente, o significado e a importância daquela região como berço do Brasil.

O argumento principal de Freyre e do Movimento em si é que com essa importação de modernidade o qual o Brasil estava sofrendo com a industrialização do país este estava perdendo a originalidade nacional. Os costumes, as práticas, a arquitetura, a mestiçagem, etc. Estava despossando os elementos que, segundo o autor, constitui em um sentido máximo a cultura brasileira. Ou seja, o estrangeiro seria o veneno para a nação. Peçonha essa carregada por uma localidade específica: o sul/sudeste, mais precisamente São Paulo e Rio de Janeiro.

Sobre essa narrativa de culpabilidade pelo desvio desse ideal de construção e reforço da nacionalidade, Vasconcelos atenta para o fato de uma sensação de esquecimento político e social que essa elite cafeeira do século XIX proporcionou para esses filhos das elites açucareiras do século XVII[[27]](#footnote-27). Era a perda de privilégios os quais tentavam retomar com essa narrativa de nacionalidade ou nordestinidade.

Para esses letrados nordestinos, a região Norte do país, como salientado anteriormente, era o ambiente onde se representava de maneira mais pura a cultura brasileira, já que:

A culinária típica, as danças, as músicas, as brincadeiras populares, a arquitetura, tanto a colonial (igrejas ornadas e ruas estreitas) quanto a inventada pelo povo, a exemplo dos mocambos que tanto representam o clima e a criatividade do nosso povo, também as artes e a literatura que valorizam o povo da terra, os trabalhadores e mestiços[[28]](#footnote-28).

Ou seja, tratar-se de um arquétipo de que a representação nacional se encontrava nesse território era uma forma de contestar esse modelo de esteriotipação diante a aristocracia do sudeste, e também, como salienta Cláudia Vasconcelos, “afirmar a sua singularidade/diferença em relação ao outro que os desqualifica é justamente assumir alguns dos estigmas que os identificaram de forma pejorativa, transformando-os em imagens positivas[[29]](#footnote-29)”.

No entanto, mesmo com essa tentativa de defesa do Nordeste e do nordestino pelo Movimento Regionalista, estes intelectuais falam de um espaço de privilégio social. Um Nordeste cercado pela dualidade *Litoral x Sertão*. Por serem uma elite tanto social quanto intelectual e que está tentando fundamentar esse princípio de nacionalidade à figura nordestina, estes buscaram atrelar aspectos da cultura popular para moldá-la, assim como o modelo de criação de uma nacionalidade brasileira a qual o século XIX e XX estava se utilizando. Portanto, quando os intelectuais do Nordeste apresentam essa região, eles a tratam com um sentido fundamentado em um espaço ligado ao passado – expressando uma ideia de atraso – e ao mundo rural.

Diante disso é possível que se possa atestar que as duas elites brasileiras – tanto a nordestina quanto a do sul – pregam e carregam estereótipos e estigmas ao analisar esse espaço que é o sertão. A primeira, como o lugar da cultura tradicional, fonte da brasilidade mais pura que referencia os saberes oriundos das raízes do nosso povo, lugar distante das influências estrangeiras, mas também lugar pobre, onde a seca assola o cotidiano de um povo sofrido e que precisa muito de investimentos vindos das demais regiões do país, especialmente do Sul/Sudeste. Já a outra como o lugar de representação do atraso, da ignorância, da violência, do barbarismo e da miséria[[30]](#footnote-30).

Porém, ao investigar esse sertão do Nordeste do século XIX, encontramos demasiados personagens os quais compunham o meio social desse ambiente. A construção deste, como analisado anteriormente, é perpassada por um olhar específico. Olhar esse, que por muito tempo, foi encaixado em um modelo de observação crua, ou seja, uma forma de percepção que não o compreende como um espaço complexo, um local que não esteve preocupado com as massas, um ambiente que está além dos muros dos casarões, igrejas e dos grandes personagens locais. A História Cultural transformou os métodos de análise positivos, as grandes histórias, os grandes homens, a História oficial. Mulheres, pretos e pretas, operários e LGBTQ. Antes invizibilizados, hoje atores históricos.

Um dos personagens que podem ser encontrados nesse ambiente é a figura do feminino. Uma representante que plana entres as classes e que está acima de qualquer predisposição dessa categorização. Figuras as quais estão entrelaçadas nesse contexto de dominação e imposição de diversos tipos. Das vestes, das atitudes e do comportamento. Como elas eram vistas? Quem são essas mulheres do sertão do início do XIX? Como era a sua sociabilidade e o que essa sociedade relegava a essas representantes? Perguntas as quais a historiadora Miridan Knox Falci busca responder[[31]](#footnote-31).

A representação simbólica do feminino que girava em torno de dois estereótipos: Eva e Maria – na qual, apesar de serem figuras opostas, se complementam na medida em que são dependentes do homem e submissas a ele, o que corrobora a tese da incapacidade da mulher em estar no controle de sua própria vida. Tendo no cerne da medicina, da fisiologia e da anatomia a legitimação para essa “natureza biológica” que consistia em determinar o papel do homem e da mulher na sociedade.

Essa narrativa também está concentrada nesse ideal feminino encontrado no sertão nordestino. Ideais esses consistidos, principalmente, nas figuras das mulheres livres, já que, para essa sociedade a qual os princípios da escravidão ainda se encontravam presentes, as escravas não eram consideradas nesse ideal de sociabilidade moderna. Arquétipo esse o qual Miridan Knox Falci (2006) trata ao analisar uma matéria no jornal da cidade de Oeiras o *Eicho Liberal,* de 1850, o qual relata a fuga de uma mulher escravizada, trazendo as suas características físicas, apresenta um forte indício o qual podemos analisar a ideia de mercadoria que estava intrínseco a esse indivíduo.

34 anos, mulata muito alva, boa estrutura, gorda, maçã do rosto alta, pescoço comprido, olhos pequenos e fundos, testa pequena, cangote pelado, braços grossos e cabeludos, unhas dos dedos das mãos compridas, pés grandes[[32]](#footnote-32)

Essas concepções a respeito do feminino, como apontado anteriormente, perpassa pelas classes de maneira e formas diferentes. Não competia a mulher de elite fazer atividades fora de casa. Mesmo que essa mulher não esteja em um espaço onde essa modernidade tenha chegado integralmente, essa expressão do papel feminino apresenta uma concepção ligada ao moderno. Segundo Miridan Falci, essas mulheres eram treinadas, as chamadas “prendas domésticas” para orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha costurar e bordar[[33]](#footnote-33)

Outras mulheres, quanto menos favorecidas ou viúvas, realizavam trabalhos os quais não havia a necessidade de tanto envolvimento físico, conseguindo assim uma renda para ajudar a sustentar os seus filhos. Como salienta Falci, essas atividades além de não serem tão vantajosas, não eram bem vistas socialmente, já que isso era uma constatação da decadência do “homem da casa” e da sua família em si[[34]](#footnote-34). As mulheres pobres não tinham como escapar desse fim. Precisavam garantir o sustento, de alguma forma, da sua família. Realizavam trabalhos como costureiras, lavadeiras ou roceiras, este, considerado um trabalho masculino.

De acordo com Costa, Theodoro Sampaio também faz um mapeamento a respeito da figura dos personagens encontrados nesse sertão nordestino. Por meio de expedições realizadas pelo Rio São Francisco e a Chapada diamantina Sampaio constrói gravuras interessantes sobre a aparência desses indivíduos. Um desses personagens é o Sertanejo. Sampaio investiga os aspectos físicos, o vestuário, a maneira de falar e tudo e qualquer tipo de hábito cultural que chamava a sua atenção[[35]](#footnote-35). De acordo com Costa, Sampaio descreve o sertanejo da seguinte forma:

Os mestiços eram, contudo, muito mais numerosos. Estatura pouco acima de meã, cabelos crespos ou anelados, pretos sob um chapéu de couro redondo e de abas curtas, descidas, podendo servir este a um tempo de estojo e de cuia para beber água, que é este o chic do sertanejo, pescoço curto e grosso, ombros largos, bom peito, desbarrigado, canelas finas e pé curto e largo, tal é o cabra do sertão a quem não falta à palavra fácil, a rapidez da réplica, a vivacidade, a imaginação e a poesia”. (SAMPAIO, 2002, p.95)[[36]](#footnote-36).

Essas descrições realizadas por Theodoro Sampaio são de fato algo que impressionam pela riqueza de detalhes. Além do sertanejo, descrito acima, Costa destaca que Sampaio concebe a imagem dos remeiros, pautadas na concepção de homem forte, usando saiote e descalço, com uma vara nas mãos, e um chapéu diferente do usado por outros personagens[[37]](#footnote-37). Além disso, os desenhos dos remeiros, canoeiros e barqueiros se diferem dos demais por ser feito de corpo inteiro e buscar a perfeição corporal dos personagens, essa representação humana estava diretamente ligada com as expressões faciais e estudos da cabeça e a dualidade entre a perfeição e o retrato real estava sempre presente[[38]](#footnote-38).

Costa também enfatiza as representações de Sampaio acerca do jagunço e do capanga, que de certa forma, eram sinônimos. O dicionário folclórico descreve o capanga como um guarda costa que é pago, faz a segurança de alguém importante, se diferenciando do jagunço, que seria quem exerce um trabalho cruel, dotado de extrema coragem e perversidade, sendo também pago e sempre estando armado[[39]](#footnote-39). Outra diferenciação que Costa apresenta sobre as observações de Theodoro Sampaio, é em relação ao jagunço, cangaceiro e o pistoleiro. Como pode ser observado abaixo:

O jagunço é uma espécie de guarda-costas, já o cangaceiro é um bandido nômade, salteador que, em grupo ou em bando (cangaceirada) em posso de armas faz sua própria justiça nos sertões, com suas mãos”. O cangaceiro “corresponde a um personagem revoltado e, para vingar, enfrenta a polícia contra a qual luta e mata para não morrer... o pistoleiro é um farejador de pistas. Assemelha-se um pouco com o jagunço, que, impreterivelmente, não deve pertencer à região para onde foi contratado pelo fazendeiro, a dar fim em algum inimigo seu[[40]](#footnote-40).

O personagem jagunço engloba esse cenário em comparação com o jagunço gaúcho, ao mesmo tempo e de forma quase que semelhante, os dois possuem uma personalidade forte, tenaz, resistente. Seu trabalho é pautado pelo o que Costa chama de “Capital precioso[[41]](#footnote-41)”, que seria a forma de trabalho também do pistoleiro. Há uma grande diferença entre os personagens citados e o tão conhecido vaqueiro. Esse por sua vez tem uma vestimenta quase que toda feita de couro, as peças chapéu, luvas, jaleco, gibão, calção, guarda-peito, perneiras. O seu cavalo, peça fundamental em seu trabalho, também está equipado com uma sela de couro, protetor de peito e protetor de olhos, tudo em couro, para resistir aos galhos secos da caatinga e todos os perigos eminente ao vaqueiro[[42]](#footnote-42).

Costa enfatiza que as anotações de Theodoro, também trazem a visão das famílias encontradas ao longo da expedição. É possível notar que muitas delas são numerosas e as mulheres são extremamente fecundas. De acordo com Costa, Sampaio sugere em seus relatos que as mulheres são tão fecundas devido a sua dieta, baseada em peixe[[43]](#footnote-43). Através de Costa, podemos observar como se passou a experiência de Theodoro Sampaio na expedição pelo Rio São Francisco e pela Chapada Diamantina, expondo as duas vertentes da população, conforme descrito abaixo:

De um lado o “cabra forte do sertão” na figura do índio, do capanga, ou do soldado que se adaptaram à região e constituíram sua maneira de viver. Do outro lado, povo sofrido em busca da sobrevivência, fugindo, com mulher e filhos, das secas que devastavam o Nordeste, na esperança que o rio lhe fornecesse melhores condições de vida[[44]](#footnote-44).

Os desenhos de Theodoro Sampaio, apresentados por Costa, trazem a perfeição do cotidiano dos habitantes da bacia do São Francisco, mostram detalhes jamais antes visto pela população sulista, ou até mesmo os conterrâneos. O traço minimalista, o perfeccionismo nos detalhes e a paixão por mostrar esses personagens colocam Theodoro e seus desenhos em um rol de importância até então nunca alcançado por nenhum cientista ou explorador. A Descrição das paisagens, montanhas, rio e lagos, são um aperitivo no trabalho de Theodoro, que logo exploraria os personagens ribeirinhos. Não apenas jagunço, sertanejo ou capangas, mas o povo em sua totalidade de detalhes, famílias, mães e filhos.

Observamos então que a ideia do nordestino como uma figura decadente, frágil, inculta, estava assegurada por um discurso com bases científicas. Desse modo, a concepção que temos hoje sobre o sertão, o nordeste e o nordestino são remanescentes das teorias sociais veiculadas na Europa durante todo o século XIX, e, de certa forma, cristalizadas no Brasil através dos discursos literários da década de trinta e das pesquisas em ciências sociais sobre as raças e a mestiçagem no país.

Por esse motivo, ao abrirmos o servidor de internet e pesquisar por “sertão” ou “nordeste”, o que podemos observar, via de regra, é a reverberação de um discurso elitista e eurocêntrico que procura depreciar os locais e as populações consideradas inferiores em relação ao modelo europeu.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É de suma importância que tratemos sobre temáticas próxima aos discentes. É necessário, enquanto docentes, abordarmos de forma sensível determinados conteúdos, já que a maioria desses alunos ainda compartilham desse imaginário criado sobre o nordeste, o qual analisamos no presente artigo. Nesse caso, é urgente que estes possam vir a ter auxiliado por professoras e professores, uma análise de entendimento sobre o fato da História e suas temáticas e que estas são demasiadamente complexas.

Estas não nascem abruptamente. Temas e teorias são perpassados pelo imaginário social por muito tempo e se adaptam em novas realidades a fim de contemplar os anseios dessa sociedade. Portanto, como explicitado anteriormente, é necessário que estes alunos entendam que essa narrativa sobre o nordeste e os nordestinos foi uma criação científica do século XIX.

Base científica essa a qual, como analisado, está circunscrita na formação do povo nordestino. Essa, com bases étnicas primordialmente nas descendências africanas e indígenas[[45]](#footnote-45). De acordo com o pensamento e os valores perpetuados durante todo o século XIX, pautados na supremacia europeia, os povos africanos não eram sequer possuidores de uma história anterior ao contato com europeus. Partindo desse pressuposto os povos mestiços do nordeste formam uma raça, inferior aos habitantes do litoral, que eram, via de regra, descendentes dos povos europeus.

Portanto, é a partir das influências intelectuais europeias que a intelectualidade brasileira vai desenvolver essa ideia de sertão e caracterizar o Nordeste e os nordestinos. Desse modo, uma vez que o Brasil tem em sua formação uma intensa mestiçagem, o país, via de regra, é apresentado como um grande laboratório de raças[[46]](#footnote-46), no qual os cientistas sociais podem observar a “evolução” do povo enquanto raça e determinar as consequências que essa mestiçagem poderia trazer[[47]](#footnote-47)

Assim como afirma Bittencourt[[48]](#footnote-48), muitas propostas produzidas nos últimos anos sobre a produção da História como disciplina curricular no ensino básico não podem se limitar apenas a refazer métodos e técnicas antigas, mas sim reelaborar conjuntamente - professor e aluno - os conteúdos e métodos a serem trabalhados em sala de aula[[49]](#footnote-49). Redefinir as práticas, as temáticas, as visões e anseios os quais circundam a História desde muito tempo.

Para Paulo Knauss[[50]](#footnote-50), é de suma importância utilizar informações como conceitos e fontes em sala de aula, pois coloca o aluno - principalmente os de ensino fundamental II e médio - em uma situação onde ele necessita pensar e ler criticamente algo que aconteceu antes dele, porém que ainda reflete em sua vida contemporânea - como no caso trabalhado, a ideia que se construiu a respeito do nordeste e do sujeito nordestino, que reverbera até os dias atuais.

Podemos aqui, depois de tudo que foi analisado, cometer negacionismos e dizer que esse ambiente de fome e miséria não existe no sertão nordestino? Cremos que não. Mas elas explicam o todo? Servem para engendrar toda uma sociedade a qual, como analisado, é amplamente complexa? De fato, o que conseguimos demonstrar para esses alunos é que o fazer histórico é também identificar as visões cristalizadas a partir do tempo. Isso é analisar criticamente o seu meio, através do debate e do pensamento sensível, fazendo com que esses se percebam e se identifiquem com as temáticas em aula, fugindo assim dessa construção conteudista europeizada.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de*.* Breve, lento, mas compensador:a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-antropológico e biotipológico da década de trinta. *Afro-Ásia*, 19/20, 1997, pp. 95-107.

BITTENCOURT, C. (org.). 2005. O saber histórico na sala de aula. 10ª ed., Contexto. São Paulo, SP.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular:* Educação é a base. Brasília: MEC/secretaria de Educação Básica, 2018.

COSTA, Ivoneide de França. *O rio São Francisco e a chapada Diamantina nos desenhos de Theodoro Sampaio*. 2007.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In:Priore, Mary*. História*

*das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

KARNAL, Leandro*. História na sala de aula:* conceitos, práticas e propostas. 6 ed. São Paulo: contexto, 2015.

KNAUSS, Paulo. *Sobre a norma e o óbvio:* a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia. Repensando o ensino de História, 2001, p. 26-46.

MORAES, Antônio Carlos R. *Geografia histórica do Brasil:* cinco ensaios, uma proposta e uma crítica, São Paulo: Annablume, 2009.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. *História Local, historiografia, ensino:* sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de História. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul-dez de 2010, p. 743-758.

VASCONCELOS, Cláudia. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana.* UFBA, 2007.

1. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *Campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em História, Universidade de Pernambuco, *Campus* Petrolina. Voluntária do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *Campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-3)
4. Prof. Adjunto do curso de História, *Campus* Petrolina. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História nesta unidade. [↑](#footnote-ref-4)
5. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). [↑](#footnote-ref-5)
6. KARNAL, Leandro. *História na sala de aula*: conceitos, práticas e propostas. 6 ed. São Paulo: contexto, 2015. [↑](#footnote-ref-6)
7. KARNAL, 2015, p.08. [↑](#footnote-ref-7)
8. Idem [↑](#footnote-ref-8)
9. TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi**.** *História Local, historiografia, ensino*: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de História. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul-dez de 2010, p. 743-758. [↑](#footnote-ref-9)
10. TOLEDO, 2010, p. 744. [↑](#footnote-ref-10)
11. BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular*: Educação é a base. Brasília: MEC/secretaria de Educação Básica, 2018. [↑](#footnote-ref-11)
12. BRASIL, 2018, p. 572. [↑](#footnote-ref-12)
13. MORAES, Antônio Carlos R. *Geografia histórica do Brasil*: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica, São Paulo: Annablume, 2009. [↑](#footnote-ref-13)
14. MORAES, 2009, p. 87. [↑](#footnote-ref-14)
15. MORAES, 2009, p. 88. [↑](#footnote-ref-15)
16. Idem. [↑](#footnote-ref-16)
17. MORAES, 2009, p. 91. [↑](#footnote-ref-17)
18. Idem. [↑](#footnote-ref-18)
19. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-antropológico e biotipológico da década de trinta. *Afro-Ásia*, 19/20, 1997, pp. 95-107. [↑](#footnote-ref-19)
20. ALBUQUERQUE JUNIOR, 1997, p. 96. [↑](#footnote-ref-20)
21. É interessante salientar que, como observa a autora Cláudia Pereira Vasconcelos, todos os estados citados pelos relatórios desses intelectuais pertencem à região Nordeste, que era mais conhecida como parte do norte do país. [↑](#footnote-ref-21)
22. FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In:Priore, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. [↑](#footnote-ref-22)
23. VASCONCELOS, Cláudia*. Ser-tão baiano*: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Salvador: UFBA, 2007. [↑](#footnote-ref-23)
24. VASCONCELOS, 2007, p.38. [↑](#footnote-ref-24)
25. VASCONCELOS, 2007, p 39. [↑](#footnote-ref-25)
26. VASCONCELOS, 2007, p. 40, [↑](#footnote-ref-26)
27. VASCONCELOS, 2007, p. 39. [↑](#footnote-ref-27)
28. VASCONCELOS. 2007, p. 44. [↑](#footnote-ref-28)
29. Idem. [↑](#footnote-ref-29)
30. VASCONCELOS, 2007, p. 45. [↑](#footnote-ref-30)
31. FALCI, 2006. [↑](#footnote-ref-31)
32. FALCI. 2006, p. 214. [↑](#footnote-ref-32)
33. FALCI. 2006, p. 215. [↑](#footnote-ref-33)
34. Idem. [↑](#footnote-ref-34)
35. COSTA, Ivoneide de França. *O rio São Francisco e a chapada Diamantina nos desenhos de Teodoro Sampaio*. 2007. [↑](#footnote-ref-35)
36. COSTA, 2007, p. 117. [↑](#footnote-ref-36)
37. COSTA, 2007, p. 118. [↑](#footnote-ref-37)
38. COSTA, 2007, p. 120. [↑](#footnote-ref-38)
39. COSTA, 2007, p. 123. [↑](#footnote-ref-39)
40. COSTA, 2007, p. 124. [↑](#footnote-ref-40)
41. COSTA, 2007, p. 125. [↑](#footnote-ref-41)
42. COSTA, 2007, p. 127. [↑](#footnote-ref-42)
43. COSTA, 2007, p. 129. [↑](#footnote-ref-43)
44. COSTA, 2007, p. 134. [↑](#footnote-ref-44)
45. ALBUQUERQUE JUNIOR, 1997, p. 100. [↑](#footnote-ref-45)
46. ALBUQUERQUE JUNIOR, 1997, p. 97. [↑](#footnote-ref-46)
47. *Idem* [↑](#footnote-ref-47)
48. BITTENCOURT, C. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 10ª ed., São Paulo: Contexto, 2005. [↑](#footnote-ref-48)
49. BITTENCOURT. 2005, p.12 [↑](#footnote-ref-49)
50. KNAUSS, Paulo. *Sobre a norma e o óbvio*: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia. Repensando o ensino de História, 2001, p. 26-46. [↑](#footnote-ref-50)